

HABILIDADES SOCIAIS E PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: PANORAMA DAS PESQUISAS BRASILEIRAS

Marwin Machay Indio do Brasil do Carmo ¹; Patricia Lorena Quiterio ¹; Vanessa Barbosa Romera Leme ¹

RESUMO

Pesquisas sobre o campo das habilidades sociais vêm crescendo nas últimas décadas e, em paralelo, estudos que buscam sistematizar o que vem sendo produzido. Este estudo teve como objetivo caracterizar, por meio de uma revisão da literatura, estudos empíricos realizados por autores brasileiros publicados em periódicos que investigam diretamente as habilidades sociais de pessoas com deficiência. Foi realizada uma busca nas bases de dados SciELO, PEPSIC, LILACS, Index Psi, BDEF e Periódicos CAPES com os descritores *habilidades sociais* e *competência social*, sem restrição quanto ao período de publicação. Foram caracterizados 43 artigos quanto a aspectos bibliográficos e metodológicos. Os resultados indicam alto volume de pesquisas com delineamento descritivo, maior frequência de participantes com deficiência intelectual, predomínio de inventários como forma de avaliação e escassez de pesquisas instrumentais sobre validação ou desenvolvimento de medidas. Essa revisão poderá contribuir com informações para auxiliar novas pesquisas sobre habilidades sociais junto a pessoas com deficiência.

Palavras-chave: habilidades sociais; educação especial; revisão de literatura

Social Skills and people with disabilities: overview of Brazilian research

ABSTRACT

Research about the social skills field has been growing in recent decades and, in parallel, studies that seek to systematize what has been produced. This study aimed to characterize, through a literature review, empirical studies carried out by Brazilian authors published in journals that directly investigate the social skills of people with disabilities. A search was carried out in the SciELO, PEPSIC, LILACS, Index Psi, BDEF and Periodicals CAPES databases with the descriptors *social skills* and *social competence*, without restriction regarding the period of publication. It was found 43 articles were characterized in terms of bibliographic and methodological aspects. The results indicate a high volume of research with a descriptive design, a higher frequency of participants with intellectual disabilities, a predominance of inventories as a means of evaluation and a scarcity of instrumental research on validation or development of measures. This review may contribute with information to support further research on social skills with people with disabilities.

Keywords: social skills; special education; literature review

Habilidades Sociales y personas con discapacidad: panorama de las investigaciones brasileñas

RESUMEN

Investigaciones sobre el campo de las habilidades sociales siguen creciendo en las últimas décadas y, en paralelo, estudios que buscan sistematizar lo que vienen siendo producido. En este estudio se tuvo como objetivo caracterizar, por intermedio de una revisión de la literatura, estudios empíricos realizados por autores brasileños publicados en periódicos que investigan directamente las habilidades sociales de personas con discapacidad. Se realizó una búsqueda en las bases de datos SciELO, PEPSIC, LILACS, Index Psi, BDEF y Periódicos CAPES con los descriptores *habilidades y competencia sociales*, sin restricción al período de publicación. Se caracterizaron 43 artículos cuanto al aspectos bibliográficos y metodológicos. Los resultados indican alto volumen de investigaciones con delineamiento descriptivo, mayor frecuencia de participantes con discapacidad intelectual, predomínio de inventarios como forma de evaluación y escasez de investigaciones instrumentales sobre validación o desarrollo de medidas. Esta revisión podrá contribuir con informaciones para ayudar nuevas investigaciones sobre habilidades sociales junto a personas con discapacidad.

Palabras clave: habilidades sociales; educación especial; revisión de literatura

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – RJ – Brasil; marwinbr@gmail.com; patricialorenauerj@gmail.com; vanessaromera@gmail.com

INTRODUÇÃO

O termo habilidades sociais abrange dois significados relacionados: um deles é a designação dada ao campo teórico-prático, que compreende a produção de conhecimento gerada na área, enquanto o outro é relativo ao seu entendimento enquanto conceito (A. Del Prette & Del Prette, 2017). O conceito de habilidades sociais está diretamente associado e pode ser considerado parte deste – a outro construto, conhecido como competência social (Gresham, 1981). Em termos gerais, habilidades sociais se diferenciam de competência social no sentido de que o primeiro se refere a comportamentos sociais específicos, considerados importantes e desejáveis culturalmente, emitidos por um indivíduo para obter sucesso em tarefas sociais, ao passo que a competência social está relacionada à avaliação destes comportamentos em tarefas interpessoais e seus resultados (A. Del Prette & Del Prette, 2017; Gresham, Sugai, & Horner, 2001).

Tendo início na Inglaterra na década de 1960, e atingindo maior popularidade ao redor do mundo a partir da década de 1970, o campo das habilidades sociais chega ao Brasil, de forma ainda tímida, nesta mesma época e vai crescer em volume de estudos publicados nos anos 1990, impulsionado por publicações seminais dos pesquisadores A. Del Prette e Z. A. P. Del Prette (Bolsoni-Silva et al., 2006; Comodo & Dias, 2017). A produção brasileira sobre habilidades sociais vem sendo catalogada e analisada por alguns pesquisadores, como Bolsoni-Silva et al. (2006), que examinaram e discutiram a produção sobre o campo das habilidades sociais publicada em periódicos nacionais. Contemporânea a este estudo, a pesquisa de Murta (2005) faz uma revisão da literatura, desta vez, com foco específico na produção nacional em Treinamento em Habilidades Sociais (THS). Desde então, outras pesquisas semelhantes vem sendo desenvolvidas, com destaque para trabalhos como o de Fumo, Manolio, Bello, e Hayashi (2009), que realizaram uma análise bibliométrica da produção científica sobre habilidades sociais em uma série de livros sobre a Psicologia Comportamental e Cognitiva, o de Freitas (2013), com uma revisão sistemática de estudos experimentais em THS publicados em periódicos e a pesquisa de Colepicolo (2015), realizando o levantamento bibliométrico do campo das habilidades sociais a partir de publicações extraídas das bases de dados do Portal de Periódicos da CAPES.

O recorte específico desta revisão de literatura são os estudos sobre habilidades sociais e pessoas com deficiência. Um artigo recente de Azevedo e Costa (2018) investigou a produção científica relacionada às habilidades sociais e o público-alvo da educação especial, tendo como fonte teses e dissertações indexadas no banco de dados da CAPES. Motivadas pela escassez de estudos sobre o tema e as limitações metodológicas encontradas em pesquisas anteriores, as autoras coletaram 29 trabalhos e os descreveram segundo os critérios: instituições

e programas de origem, distribuição temporal, temática, população-alvo método, resultados e implicações teóricas. As autoras constataram que, apesar do recente progresso, ainda é pequeno o volume de pesquisas nesta temática. O trabalho de Azevedo e Costa (2018) preenche uma lacuna ao sintetizar a produção brasileira sobre habilidades sociais e pessoas com deficiência, no entanto, ainda é limitado em relação às fontes de consulta, restritas a teses e dissertações.

Os estudos das habilidades sociais junto a pessoas com deficiência intelectual, deficiências sensoriais, Transtorno do Espectro Autista (TEA), altas habilidades e deficiência física têm sido conduzidos em nosso país, em especial a partir de 2005 (Quiterio, Nunes, & Gerck, 2020), notadamente em escolas regulares. Dada a relevância de se empreender pesquisas a respeito das habilidades sociais para identificar populações vulneráveis e guiar intervenções e políticas públicas, este trabalho teve como objetivo caracterizar, por meio de uma revisão de literatura, estudos empíricos realizados por autores brasileiros publicados em periódicos que investigam diretamente as habilidades sociais de pessoas com deficiência.

MÉTODO

Visando compreender o panorama dos estudos empíricos sobre habilidades sociais e pessoas com deficiência no Brasil, foi realizada uma revisão da literatura sobre o tema publicada em periódicos científicos e sem restrição de data de publicação. O levantamento foi feito em seis bases eletrônicas nacionais (SciELO, PEPSIC, LILACS, Index Psi, BDEF e Periódicos CAPES), além de pesquisas adicionais na página do *Grupo de Relações Interpessoais e Habilidades Sociais* (RIHS-UFSCar), coordenado pelos autores pioneiros nas publicações em habilidades sociais no Brasil, Z. A. P. Del Prette e A. Del Prette, e na base de dados da *Revista Educação Especial*, por ser este um periódico relevante para a área da Educação Especial e ter artigos de interesse não retornados nas buscas nos indexadores escolhidos. A pesquisa foi realizada no segundo trimestre de 2020, utilizando as palavras-chave "habilidades sociais" e "competência social", delimitadas entre aspas e a combinação dos termos feita pelo operador lógico *OR*. A opção pela inclusão do termo competência social como complemento de habilidades sociais ocorre por ainda existirem divergências em relação à definição dos termos e alguns autores os utilizarem para designar o mesmo conceito (A. Del Prette & Del Prette, 2018). A busca no periódico *Revista Educação Especial* utilizou os mesmos descritores escolhidos na pesquisa nos indexadores e, no portal RIHS-UFSCar, foi feito um rastreamento dos artigos publicados por esse grupo que obedecessem aos critérios de inclusão. Ressalta-se que, apesar do objetivo de o estudo envolver os diferentes tipos de deficiência, esses descritores não foram inseridos na busca documental, pois os autores consideraram que ao não delimitar os descritores poderiam alcançar um maior número de publicações.

Delimitou-se como critérios de inclusão: (a) estudos empíricos, (b) realizados em contexto brasileiro, (c) indexados em periódicos científicos, (d) que focam a avaliação das habilidades sociais de pessoas com deficiência. Já os critérios de exclusão compreenderam: (a) artigos sem acesso integral ao texto completo e (b) artigos nos quais não há registro sobre o método de avaliação empregado, (c) estudos que avaliam as habilidades sociais das pessoas com deficiência como parte menor de alguma bateria de avaliação. A triagem dos artigos retornados pela pesquisa foi realizada por dois juízes independentes, que os avaliaram às cegas de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos. As discordâncias entre os juízes a respeito da inclusão ou não inclusão de determinada pesquisa foram resolvidas com a decisão indicada por um terceiro juiz.

Procedimentos de coleta e tratamento dos dados

Ao todo, a pesquisa nas bases eletrônicas e em outras fontes retornou 3383 resultados, dos quais, após a exclusão de duplicados e análise do título e resumo de acordo com os critérios de inclusão, foram identificados 52 artigos potencialmente relevantes, sendo 48 provenientes das seis bases eletrônicas nacionais, dois adicionados por meio de busca direta na base de dados da *Revista Educação Especial* e um obtido na pesquisa no portal *RIHS-UFSCar*. Foram excluídos quatro artigos por não se encontrar o texto integral em buscas *online*, outros quatro excluídos por não avaliarem o construto das habilidades sociais e um excluído por não apresentar o método de avaliação empregado nem os resultados. Assim, foram selecionados 43 artigos elegíveis para a análise descritiva.

O tratamento dos dados seguiu o modelo utilizado em Bolsoni-Silva et al. (2006) e Freitas (2013), dividindo a análise em duas categorias maiores compostas por subcategorias. Desse modo, os resultados trazem uma análise bibliográfica, seguida de uma análise metodológica. A primeira tratou dos aspectos descritivos das pesquisas quanto a: (i) autoria, (ii) palavras-chave, (iii) periódicos de publicação, e (iv) período de publicação. Já a análise metodológica envolveu uma descrição de: (i) características dos participantes, (ii) delineamentos, (iii) tamanho amostral, (iv) objetivos e, (v) métodos de avaliação. A lista completa com os estudos incluídos, a planilha de caracterização dos artigos (deficiências investigadas, objetivos, delineamento, faixa etária, tamanho amostral, métodos de avaliação, instrumentos, avaliadores e região demográfica), bem como o código para reprodução das análises e a descrição da Figura 1 estão disponíveis em <https://osf.io/yb37w/>.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e a discussão apresentam-se por meio de duas categorias, uma referente às características bibliográficas e a outra refere-se às características me-

todológicas dos artigos.

Análise bibliográfica

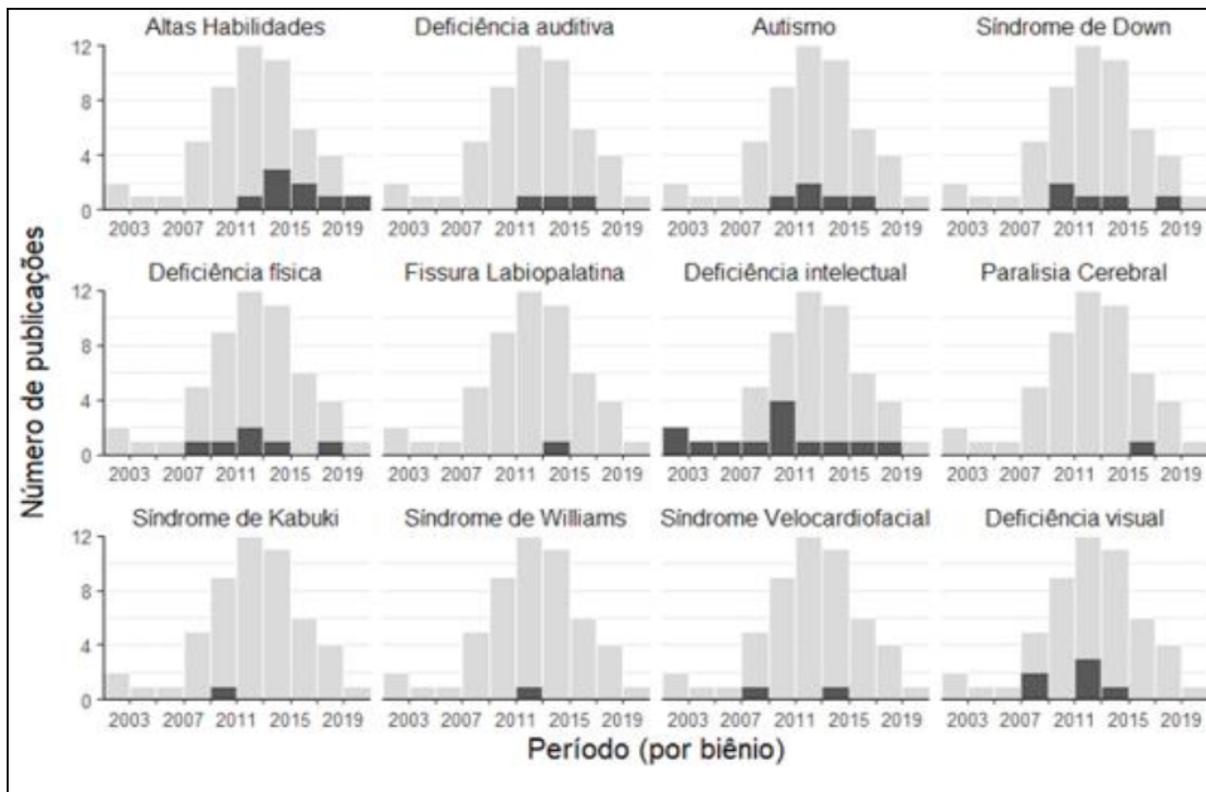
Foram identificados 90 autores para os 43 artigos. Aqueles com maior número de participação na autoria das publicações foram Z. A. P. Del Prette ($n = 15$), A. Del Prette ($n = 10$), L. C. Freitas ($n = 6$) e M. L. P. França-Freitas ($n = 3$). Além disso, também se verificou que o número de autores por artigo variou de 2 a 7, com uma média de 3,1 por publicação.

A palavra-chave encontrada com maior frequência foi *habilidades sociais*, utilizada em 30 artigos, seguida de *educação especial*, utilizada por 8 pesquisas. Além de *Síndrome de Down*, presente em 5 artigos, as outras 92 palavras-chave foram utilizadas com frequência menor ou igual a 4 e, em 23,1% das vezes, relativas ao tipo de deficiência estudado. Nesse sentido, é necessário ressaltar que para 3 artigos sem resumo disponível em português, foi feita uma pesquisa pelas palavras-chave correspondentes na base de dados Terminologia em Psicologia da BVS-Psi para substituição dos termos em inglês para a língua local. No caso de palavras-chave sem correspondência na referida base de dados, optou-se por substituir o termo original por uma tradução livre dos autores.

Os artigos foram publicados em 26 periódicos distintos, com destaque para publicações em periódicos da área de psicologia (51,2%) e educação (25,6%). Quanto à distribuição temporal, o período de publicação abrange 18 anos, com a primeira publicação em 2002¹ e a mais recente em 2020. Considerando esse intervalo, verifica-se uma média de publicação de 2,4 artigos por ano, sendo o maior volume de pesquisas (79%) publicado a partir de 2010. A Figura 1 apresenta a distribuição temporal dos artigos por biênio, bem como a distribuição em relação ao tipo de deficiência investigado. Analisando a distribuição temporal dos artigos, verifica-se um aumento expressivo no número de estudos empíricos a partir da segunda década dos anos 2000. Essa tendência acompanha o crescimento significativo da publicação de artigos brasileiros sobre habilidades sociais a partir de 2004, conforme visto em Z. A. P. Del Prette e Del Prette (2019), indicando que a expansão das pesquisas sobre este campo teórico também abrangem a investigação junto a pessoas com deficiência. Além disso, observa-se uma maior concentração de publicações entre os anos de 2010 e 2014, dado semelhante ao informado em Azevedo e Costa (2018), cuja pesquisa indicou que os anos de 2011 e 2012 compreenderam o maior número de defesas de teses e dissertações sobre habilidades sociais e o público-alvo da educação especial.

¹ O artigo mais antigo encontrado foi publicado em 1996, não incluído, porém, na presente pesquisa, em virtude da indisponibilidade do texto integral por meio de pesquisas digitais.

Figura 1 - Quantidade de artigos encontrados em função do ano de publicação e a deficiência investigada.



Nota - Cada barra representa um período de 2 anos, terminando no ano indicado à direita

ANÁLISE METODOLÓGICA

Características dos participantes

Analisando as características da população investigada nos 43 artigos, verificou-se que 12 categorias de condição / deficiência de sujeitos público-alvo da educação especial foram investigadas: deficiência intelectual ($n = 13$), altas habilidades/ superdotação ($n = 8$), deficiência física ($n = 6$), deficiência visual ($n = 6$), TEA ($n = 5$), Síndrome de Down ($n = 5$), deficiência auditiva ($n = 3$), Síndrome de DiGeorge ($n = 2$), fissura labiopalatina ($n = 1$), paralisia cerebral ($n = 1$), Síndrome de Kabuki ($n = 1$) e Síndrome de Williams ($n = 1$). A maioria dos artigos ($n = 40$) tratou de investigar uma amostra de uma única categoria, dois artigos trabalharam com 5 tipos de deficiência – dentre outras não relevantes a essa pesquisa – e 1 trabalho investigou um grupo com 2 deficiências distintas.

É possível verificar o predomínio de pesquisas abordando a deficiência intelectual, que se torna ainda maior se considerarmos dentro dessa categoria os estudos com pessoas com deficiências passíveis de déficit cognitivo, como a Síndrome de Down e a Síndrome de Kabuki (Adam, Hudgins, & Hannibal, 1993; Organização Mundial da Saúde, 2017). Dados os déficits nas habilidades cognitivas e adaptativas, a presença de deficiência intelectual tende a estar associada a um baixo repertório de habilidades sociais e maiores níveis de problemas de

comportamento, que também podem variar de acordo com a severidade e etiologia da deficiência (Sigafos, Lancioni, Singh, & O'Reilly, 2017), o que pode justificar o maior volume de artigos produzidos junto a essa população. Por outro lado, observa-se um número reduzido de estudos envolvendo o TEA, que é um transtorno de neurodesenvolvimento, caracterizado por diferenças na comunicação social e na interação social (American Psychiatric Association, 2014), além de não ter sido encontrado estudos com delineamentos experimentais com essa população. Logo, enquanto há um número razoável de pesquisas sendo desenvolvidas com a população com deficiência intelectual, o baixo volume de estudos abordando outras deficiências indica lacunas ainda a serem preenchidas.

Em relação à faixa etária dos participantes, verificou-se maior proporção de crianças ($n = 22$), seguido de adultos ($n = 6$), adultos e adolescentes ($n = 6$), crianças e adolescentes ($n = 5$), adolescentes ($n = 1$), crianças, adolescentes e adultos ($n = 2$), e uma pesquisa com atletas cuja faixa etária não foi especificada. O elevado número de pesquisas com crianças e/ ou adolescentes em relação a pesquisas conduzidas com adultos segue uma tendência também encontrada na pesquisa de Azevedo e Costa (2018). Entende-se que a prevalência de estudos com crianças e adolescentes se justifique pela importância da promoção de habilidades sociais

em contextos educacionais, de modo tanto remediativo quanto protetivo, pois contribuem para uma melhor adaptação acadêmica e social do aluno (Taylor, Oberle, Durlak, & Weissberg, 2017).

As características sociodemográficas dos participantes também foram categorizadas em função da região de origem. Os resultados mostraram que 35 das 43 das pesquisas utilizaram participantes oriundos da região Sudeste, 3 oriundos da região Sul, 2 com amostras da região Sul e Sudeste, 2 do Nordeste, 1 do Centro-Oeste. A concentração de estudos na região Sudeste do país segue a tendência demonstrada em outras revisões de literatura recentes sobre habilidades sociais (Azevedo & Costa, 2018; Freitas, 2013; Vieira-Santos, Del Prette, & Del Prette, 2018). Esse dado reflete o preocupante cenário de centralização da produção acadêmica no sudeste do país, fruto do desequilíbrio na distribuição de recursos para a pesquisa científica (Costa, Amorim, Pessanha, & Yamamoto, 2012), que resulta em estudos com menor diversidade cultural, tanto de pesquisadores quanto da população da pesquisa.

Delineamentos

A classificação dos artigos em relação ao delineamento de pesquisa utilizado foi feita com base no sistema proposto por Montero e León (2007). Os autores dividem os estudos empíricos quantitativos em: estudos descritivos mediante observação, estudos descritivos de populações mediante inquéritos (*survey*), experimentais, quase experimentais, estudos *ex post facto* (correlacionais), estudos experimentais de caso único e estudos instrumentais; e os estudos empíricos qualitativos em: etnografia, estudo de casos e pesquisa-ação. Quando não especificado diretamente pelos autores do estudo original, o delineamento das pesquisas foi classificado seguindo as diretrizes de Montero e León (2007).

Isto posto, verificou-se a prevalência de estudos descritivos em relação aos outros tipos de pesquisa, sendo 15 com delineamento descritivo transversal e seis descritivos observacionais. Além de três estudos descritivos que utilizaram tanto a observação direta quanto *survey* e duas pesquisas descritivas que também tiveram caráter instrumental ao apresentar o processo de elaboração de instrumentos. Os demais delineamentos encontrados foram: correlacional, utilizado em cinco ocasiões, estudo de caso, instrumental, quase-experimental e sujeito único de múltiplas sondagens, com três ocorrências cada.

Considerando a categoria de estudos descritivos de forma ampla, é possível verificar que este método foi adotado em 60,5% dos estudos. Embora delineamentos descritivos sejam úteis para detalhar um fenômeno dentro de um determinado contexto e possam fornecer informações relevantes para o desenvolvimento de novos estudos, os dados obtidos por este tipo de método não fornecem respostas a testes de hipóteses sobre relações causais, nem sobre relacionamentos entre variáveis

(Anastas, 1999). Conforme observado nessa revisão, métodos de pesquisa direcionadas a essas questões como os quase-experimentais, experimentais de sujeito único e correlacionais, ainda são minoria no campo de estudo aqui abordado e carecem de emprego mais frequente para, por exemplo, avaliar a efetividade das intervenções de THS, diferenças entre populações, ou o relacionamento deste construto com outras variáveis.

Outro ponto a se destacar sobre os delineamentos empregados é o baixo volume de pesquisas para validação de instrumentos, sendo três referentes a estudos de validação de um único instrumento, o *Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças (SSRS-BR)*, para crianças com deficiência intelectual e outros com caráter piloto sobre o desenvolvimento de novos instrumentos. Pessoas com deficiência possuem particularidades em sua condição física, cognitiva ou sensorial não comuns a características encontradas na população geral. Dessa forma, medidas avaliativas desenvolvidas para a população com desenvolvimento típico podem não ser capazes de desempenhar sua função adequadamente, ou seja, os resultados podem não serem fidedignos, sendo ausentes estudos de normatização para a população avaliada (Barros, 2019). Inclui-se nessa questão diferenças significativas nas etapas do desenvolvimento do comportamento social ou limitações do instrumento para mensurar comportamentos sociais relevantes, como habilidades sociais não verbais, além da possibilidade de baixa sensibilidade dos instrumentos para detectar, por exemplo, mudanças após uma intervenção (Walton & Ingersoll, 2013). Nesse sentido, é possível que os escores de instrumentos utilizados em uma população com deficiência não representem o mesmo construto do contexto original no qual foram desenvolvidos, caso não haja evidências de validade para essa população ou contexto específicos, limitando, assim, a comparação com outras pesquisas e o desenvolvimento de hipóteses (Flake, Pek, & Hehman, 2017).

Barros (2019) destaca outros pontos importantes como as dificuldades levantadas pelo formato tradicional dos instrumentos de autorrelato, como a presença de estímulos visuais, necessidade de lápis e papel, muitas vezes inadequados a pessoas com deficiência visual ou com deficiência física. O autor ainda argumenta sobre a perda de autonomia do avaliado quando dependem do avaliador para ler e responder às questões, e, também, de como pessoas alfabetizadas na Língua Brasileira de Sinais (Libras) podem compreender de formas diferentes a semântica dos itens. Desse modo, para se obter maior precisão nas avaliações, é necessário investir no desenvolvimento de medidas específicas e/ou na validação e normatização de instrumentos utilizados com populações com desenvolvimento atípico, especialmente quando essa difere de forma significativa daquela para a qual o instrumento foi desenvolvido.

Tamanho amostral

O número de participantes utilizados nas pesquisas apresentou uma variação elevada ($M = 54,8$, $DP = 81,7$), o que pode ser explicado pela diversidade de delineamentos utilizados e seus objetivos. No entanto, algumas características podem ser destacadas. O menor número de participantes encontrado foi visto em dois artigos que utilizaram como delineamento o estudo de caso, sendo uma intervenção com uma criança com Síndrome de Down e uma avaliação de uma criança com Síndrome de Kabuki. Já o estudo com o maior tamanho amostral contou com 394 participantes e teve como objetivo caracterizar o repertório de habilidades sociais de 269 crianças dotadas e comparar semelhanças e diferenças ante um grupo de 125 crianças não dotadas. Considerando as extremidades da distribuição do tamanho amostral utilizado nas pesquisas, entre aqueles que se situaram acima do 3º quartil ($N > 72$), predominaram os estudos descritivos transversais ($n = 5$) e instrumentais ($n = 3$) e, por outro lado, foi observada prevalência de pesquisas descritivas observacionais ($n = 3$) e estudos de caso ($n = 3$) dentre os artigos com tamanho amostral abaixo do 1º quartil ($N < 9$).

Objetivos

Em relação aos objetivos, observou-se uma maior frequência de estudos direcionados para avaliação das habilidades sociais (37,2%). Em segundo lugar, encontram-se pesquisas cuja proposta foi comparar as habilidades sociais entre grupos e aquelas que descrevem uma intervenção, compondo, cada uma, 20,9% do total. Menos frequentes, aparecem estudos de correlação das habilidades sociais com outras variáveis (9,3%), validação de instrumentos (7,0%) e, desenvolvimento de novos instrumentos para avaliação de pessoas com deficiência (4,7%).

Dentre as pesquisas que objetivaram comparar o repertório de habilidades sociais entre grupos, 66,7% o fizeram junto a um grupo sem deficiência, e os 33,3% restantes investigaram as habilidades sociais dentre diferentes níveis de expressão da deficiência da população investigada. Os estudos de validação de instrumentos verificaram a validade de construto, de critério e a validade convergente do SSRS-BR em crianças com deficiência intelectual e indicaram a viabilidade da aplicação desse inventário junto a essa população. Os artigos que descreveram o desenvolvimento de novos instrumentos tiveram como objetivo adaptar medidas e recursos para avaliar os sujeitos da pesquisa atendendo às suas necessidades especiais, no caso, pessoas com Síndrome de Down em uma pesquisa e paralisia cerebral em outra. Tais achados evidenciam a preocupação com a construção, adaptação e validação de instrumentos para pessoas com deficiência (Barros, 2019).

Métodos de avaliação

O objetivo desta seção é investigar os métodos de

avaliação utilizados nos estudos empíricos. Desse modo, três artigos voltados para validação de um instrumento não foram inseridos nesta análise, resultando em 40 estudos analisados.

Os inventários têm sido a medida mais popular, utilizados em 31 pesquisas e sendo o único método de avaliação em 80,6% desses casos. Também foram encontrados artigos que avaliaram os participantes por meio de filmagem ($n = 9$), observação direta ($n = 5$), questionários ($n = 5$), entrevista ($n = 4$) e escala ($n = 1$). Há uma média de 1,38 ($DP = 0,77$) métodos de avaliação diferentes por artigo, sendo o mínimo de um único método utilizado por 31 pesquisas e o máximo de quatro formas diferentes de avaliação, empregado em um estudo, além de quatro artigos que utilizaram dois métodos e outros quatro que fizeram o uso de três formas de avaliação.

Quanto aos informantes, as pesquisas utilizaram, em média, 1,5 avaliadores, sendo o mínimo de um e máximo de quatro por artigo. Ressalta-se que duas pesquisas não especificaram quem foram os informantes e, portanto, não constam nesta análise. O emprego de um único avaliador mostrou ser o mais aplicado, com frequência de 71% entre os artigos, seguidos daqueles que utilizaram dois avaliadores, compondo 13,2% das pesquisas, três em 10,5% e quatro em 5,3%.

Além da quantidade de informantes, também se verificou quais foram estes e com qual frequência aparecem, em função da faixa etária da amostra. Nas pesquisas realizadas com crianças e/ou adolescentes, os informantes mais frequentes foram professores (32,4%), seguidos do autorrelato (27%), responsáveis (24,3%), pesquisadores (13,5%) e juízes (2,7%). Já nos estudos com adultos e adolescentes e somente com adultos, predominou o autorrelato (52,6%), sucedido por pesquisadores (21%), responsáveis (10,5%), colegas de trabalho (5,3%), pares (5,3%) e professores (5,3%). A frequência total dos informantes foi contabilizada sem distinguir as pesquisas que empregaram mais de um. Ou seja, um mesmo artigo estava sujeito a ser contabilizado por mais de uma categoria. Outra observação pertinente é que uma pesquisa com crianças, adolescentes e adultos foi incluída na categoria crianças e/ou adolescentes por esta ser mais representativa para a amostra.

Semelhante aos resultados encontrados em Reyna e Brussino (2011), as pesquisas com avaliação das habilidades sociais com crianças utilizam avaliadores externos como pais e professores com maior frequência. Além disso, também se assemelha a opção por inventários e escalas sob outros métodos de avaliação e o domínio de pesquisas com um informante único. Independente da faixa etária, ainda são poucos artigos que empregam a avaliação multimodal (com diferentes procedimentos, instrumentos e/ou diferentes informantes), que é preferível e recomendada, pois a avaliação se torna menos limitada pela especificidade contextual e por aspectos individuais (A. Del Prette & Del Prette, 2017; Reyna &

Brussino, 2011).

Analisando especificamente os artigos que empregaram inventários como método de avaliação, vemos que o instrumento mais utilizado foi o SSRS-BR ($n = 16$) – um sistema de avaliação das habilidades sociais e problemas de comportamento voltado para crianças de 6 a 13 anos –, a faixa etária estudada mais frequentemente dentre os artigos que compõe o corpus desta revisão. O *Inventário de Habilidades Sociais* (IHS), específico para a população adulta, aparece em segundo lugar em frequência ($n = 8$), seguido do *Child Behavior Checklist* (CBCL), utilizado em quatro artigos e do *Inventário Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças* (IMHSC), em três – os dois últimos destinados para o público infantil. Além desses, há também o *Progress Assessment Chart* (PAC), aplicado para a avaliação da competência social em duas pesquisas com pessoas com deficiência intelectual, o *Inventário de Avaliação de Habilidades Sociais dos Alunos Junto às Professoras* (PACS-P e PAHSP), elaborado para e utilizado em uma pesquisa com alunos com deficiência intelectual, e o *Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não-Oralizadas* (IHSPNO), uma adaptação do IMHSC para alunos com paralisia cerebral sem fala articulada, aplicado também em uma pesquisa.

CONCLUSÃO

Por meio desta revisão de literatura foi possível levantar informações a respeito das características das pesquisas empíricas sobre as habilidades sociais em pessoas com deficiência produzidas no Brasil. Foram identificados 43 artigos publicados entre 2002 e 2020 que investigaram, ao todo 12 tipos de deficiência, sendo sujeitos com deficiência intelectual os participantes mais frequentes dentre as pesquisas. A maior parte dos estudos adotou um delineamento descritivo e, diante disto, discutiu-se a importância de explorar outros delineamentos de pesquisa. Nos métodos de avaliação prevaleceu o uso de inventários e uma média de 1,5 avaliadores por pesquisa. Em relação aos instrumentos, o artigo ressaltou as possíveis limitações das medidas utilizadas tradicionalmente, sob o risco de não cumprirem sua função adequadamente caso estes não apresentem evidências de validade. Dentre os inventários utilizados, o SSRS-BR foi a escolha predominante para avaliação de crianças e o IHS o mais popular em trabalhos com a população adulta. Somente duas pesquisas trataram do desenvolvimento de medidas adaptadas às necessidades da população avaliada. Além disso, também se verificou que a avaliação por autorrelato prevaleceu em pesquisas com adultos, ao passo que com crianças e/ou adolescentes, professores foram os principais informantes.

Buscou-se descrever de forma ampla as principais características dos estudos encontrados, não esgotando as possibilidades de análise. A comparação dos resultados entre os estudos selecionados, sejam de avaliação, correlação ou intervenção, é uma tarefa que enfrenta diversas limitações. Como foram investigadas

12 categorias de deficiência, entende-se que é pouco informativo reduzir tantas particularidades a uma única categoria denominada pessoas com deficiência e analisar os resultados como um todo. Mesmo considerando de forma individual cada deficiência investigada, dentre cada pesquisa há as diferenças de idade dos participantes, diversidade de objetivos, desnível entre os perfis cognitivos e sociais dos grupos, além de inconstância entre métodos de avaliação e instrumentos utilizados. Outra limitação dessa pesquisa foi a restrição a artigos completos encontrados em bases digitais, tendo sido excluídos alguns trabalhos potencialmente relevantes.

Os resultados aqui obtidos demonstram que as pesquisas empíricas sobre habilidades sociais com pessoas com deficiência no Brasil vêm acompanhando o crescimento gradual dos estudos a respeito deste campo teórico. Enquanto esse crescimento é animador, ressalta-se que é necessária cautela na interpretação dos resultados obtidos dada a escassez de medidas validadas e normatizadas para diferentes deficiências. Espera-se que este trabalho possa contribuir com o avanço do campo, não só em apresentar o que vem sendo produzido, mas também ao sugerir temas para pesquisas futuras, como: aplicação de avaliação multimodal nas pesquisas; maiores investimentos em produções sobre treinamento em habilidades sociais a pessoas com deficiência; pesquisas junto a pessoas com TEA ou outras deficiências sub-representadas; e o desenvolvimento de novas medidas e/ou validação e normatização daquelas já utilizadas, visto que a sistematização de pesquisas junto a determinadas populações pode ser prejudicada pela falta de instrumentos adequados nessa área.

REFERÊNCIAS

- Adam, M. P., Hudgins, L., & Hannibal, M. (1993). Kabuki Syndrome. In M. P. Adam, H. H. Ardinger, R. A. Pagon, S. E. Wallace, L. J. Bean, K. Stephens, & A. Amemiya (Orgs.), *GeneReviews*®. Seattle (WA): University of Washington, Seattle. Recuperado de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK62111/>
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5* (5ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Anastas, J. W. (1999). *Research design for social work and the human services* (2nd ed). New York: Columbia University Press.
- Azevedo, T. L. de, & Costa, C. S. L. da. (2018). Habilidades sociais e público-alvo da educação especial: análise da produção científica brasileira. *Educação: Teoria e Prática*, 28(58), 298–319. <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106.vol28.n58.p298-319>
- Barros, L. O. (2019). Avaliação psicológica de pessoas com deficiência: Reflexões para práticas inclusivas. In *Prêmio profissional avaliação psicológica direcionada a pessoas com deficiência* (pp. 34–48). Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado de http://satepsi.cfp.org.br/docs/CFP_livrodigital_premio2.pdf

- Bolsoni-Silva, A. T., Del Prette, Z. A. P., Del Prette, G., Montanher, A. P., Bandeira, M., & Del Prette, A. (2006). A área das habilidades sociais no Brasil: Uma análise dos estudos publicados em periódicos. In *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal* (pp. 124-145). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Colepicolo, E. (2015). Análise bibliométrica sobre a produção científica no campo das habilidades sociais. *Biblios: Journal of Librarianship and Information Science*, (57), 12–21. <http://dx.doi.org/10.5195/BIBLIOS.2014.191>
- Comodo, C. N., & Dias, T. P. (2017). Habilidades sociais e competência social: Analisando conceitos ao longo das obras de Del Prette e Del Prette. *Interação Em Psicologia*, 21(2). <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v21i2.50314>
- Costa, J. P. da, Amorim, K. M. de O., Pessanha, V. C., & Yamamoto, O. H. (2012). Quem estuda a profissão de psicólogo no Brasil? *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 64(2), 02–18.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. (2017). *Competência social e habilidades sociais: Manual teórico-prático* (1ª ed). Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2018). A relação entre habilidades sociais e análise do comportamento: História e atualidades. In *Análise do Comportamento: Conceitos e aplicações a processos educativos, clínicos e organizacionais* (p. 39–53). Londrina: UEL. Recuperado de <http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2019/01/UELlivro5dez18press.pdf>
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2019). Studies on Social Skills and Social Competence in Brazil: A History in Construction. In S. H. Koller (Ed.), *Psychology in Brazil* (pp. 41–66). Cham: Springer International Publishing. doi: 10.1007/978-3-030-11336-0_4
- Flake, J. K., Pek, J., & Hehman, E. (2017). Construct Validation in Social and Personality Research: Current Practice and Recommendations. *Social Psychological and Personality Science*, 8(4), 370–378. <http://dx.doi.org/10.1177/1948550617693063>
- Freitas, L. C. (2013). Uma revisão sistemática de estudos experimentais sobre Treinamento de Habilidades Sociais. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15(2). <http://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v15i2.604>
- Fumo, V. M. S., Manolio, C. L., Bello, S., & Hayashi, M. C. P. I. (2009). Produção científica em habilidades sociais: Estudo bibliométrico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(2), 246–266. <http://dx.doi.org/10.31505/rbtcc.v11i2.401>
- Gresham, F. M. (1981). Social Skills Training with Handicapped Children: A Review. *Review of Educational Research*, 51(1), 139–176. <http://dx.doi.org/10.3102/00346543051001139>
- Gresham, F. M., Sugai, G., & Horner, R. H. (2001). Interpreting Outcomes of Social Skills Training for Students with High-Incidence Disabilities. *Exceptional Children*, 67(3), 331–344. <http://dx.doi.org/10.1177/001440290106700303>
- Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847–862.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: Análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 18(2), 283–291.
- Organização Mundial da Saúde. (2017). *CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças* (10ª ed). São Paulo: EdUSP.
- Quiterio, P. L., Nunes, L. R. d'O. de P., & Gerk, E. (2020). Estudo preliminar: construção do inventário de habilidades sociais para alunos sem fala articulada. *Revista Educação Especial*, 33, e-42/1-26. <https://doi.org/10.5902/1984686X42602>
- Reyna, C., & Brussino, S. (2011). Avaliação de habilidades sociais de crianças na América Latina. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 359–367. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722011000300003>
- Sigafoos, J., Lancioni, G. E., Singh, N. N., & O'Reilly, M. F. (2017). Intellectual Disability and Social Skills. In J. L. Matson (Ed.), *Handbook of Social Behavior and Skills in Children* (pp. 249–271). Cham: Springer International Publishing. http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-64592-6_14
- Taylor, R. D., Oberle, E., Durlak, J. A., & Weissberg, R. P. (2017). Promoting Positive Youth Development Through School-Based Social and Emotional Learning Interventions: A Meta-Analysis of Follow-Up Effects. *Child Development*, 88(4), 1156–1171. <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.12864>
- Vieira-Santos, J., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2018). Educative Social Skills: A Systematic Review of Brazilian Production. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(1), 45–63. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5069>
- Walton, K. M., & Ingersoll, B. R. (2013). Improving Social Skills in Adolescents and Adults with Autism and Severe to Profound Intellectual Disability: A Review of the Literature. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 43(3), 594–615. <http://dx.doi.org/10.1007/s10803-012-1601-1>

Recebido em: 04 de dezembro de 2020

Aprovado em: 04 de setembro de 2022